

---

## Ser mulher segundo Freud: um caminho para a feminilidade?

---

---

### *Being a woman according to Freud: a way to femininity?*

---

DOI: 10.12957/ek.2020.51328

**Dnda. Petra Bastone**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*petra.bastone@hotmail.com*

*<https://orcid.org/0000-0002-6727-1724>*

#### RESUMO

Se, desde as primeiras escutas das histéricas, a sexualidade feminina sempre foi do interesse de Freud, que deu voz aos desejos femininos, a feminilidade, porém, é um assunto que coloca a teoria freudiana em grandes impasses e paradoxos. Afinal, o que é ser mulher de acordo com a teoria freudiana? É viver para lidar com uma inveja peniana, que correria o risco de nunca ser superada por completo? É sofrer um específico processo de passagem pelo complexo de Édipo? Muito do discurso de Freud corre pelo sentido de que a mulher tenta suprir a falta de um pênis de diversas formas, mostrando uma inferioridade que se daria a partir de uma falta anatômica. O destino maldito da mulher seria traçado pela sua anatomia segundo o autor; mas, ao mesmo tempo, ele afirma que ninguém é totalmente masculino ou feminino. Pelo fato de acreditar que ser mulher vai muito além de sua condição biológica (assim como Freud) e, diante de tantos impasses na obra de Freud, recorrerei a duas filósofas que criticam o pensamento freudiano para tentar trabalhar a questão da feminilidade no interior da obra do autor. Com o recurso ao pensamento de Judith Butler, que afirma que parte das considerações sobre a construção da feminilidade se deve a uma matriz heterossexual do desejo, e a Simone de Beauvoir, principal nome do movimento feminista, que mostra aspectos importantes do amplo alcance do privilégio masculino em nossa cultura, pretendo articular concepções diferentes do “ser mulher” e, ao mesmo tempo, tentar uma conversa (ainda que conflitante) entre os três teóricos.

**Palavras-chave:** Freud. Feminilidade. Beauvoir. Butler.

**Keywords:** Freud. Femininity. Beauvoir. Butler.

#### ABSTRACT

If, since the hystericals, the female sexuality was a Freud's interest, that give voice to the females desires, the femininity, however, is a point that makes Freudian's theory a huge paradox. After all, what is being a woman in the Freudian's theory? Is it to live to deal with a penile envy that would run the risk of never being completely overcome? Is to suffer a specific process of passing through the Oedipus complex? Much of Freud's speech runs the sense that the woman tries to address the lack of a penis in different ways, showing an inferiority that would occur from an anatomical shortage. The cursed fate of the woman would be traced by their anatomy according to the author, but, at the same time, he claims that nobody is totally female or male. Because I believe that being a woman goes far beyond her biological condition (like Freud), and with so many issues in his theory, I will appeal to two philosophers who criticize Freudian thought to try to work the question of femininity within the author's work. Using Judith Butler's thought, which states that part of the considerations about the construction of femininity is due to a heterosexual matrix of desire; and Simone Beauvoir, the main name of the feminist movement, which shows important aspects of the broad reach of male privilege in our culture, I intend to articulate different conceptions of "being a woman" and, at the same time, to attempt a (although conflicting) three theorists.

A trajetória de Freud para tentar compreender o psiquismo feminino foi complexa e de muitas incertezas. O chamado “enigma” da feminilidade perseguiu Freud durante sua vida e muitas foram hipóteses e questionamentos sobre a sexualidade feminina, a feminilidade e a passagem da mulher pelo complexo edípico. O autor afirma que “a anatomia é o destino” e ao mesmo tempo “que ninguém é inteiramente feminino ou inteiramente masculino”. Afinal, como se constrói o “ser mulher” dentro da teoria freudiana? Como forma de problematizar e apontar os principais problemas de Freud em sua teoria sobre a sexualidade feminina, utilizarei duas obras que criticam e problematizam seus pontos mais polêmicos no que diz respeito ao assunto: *O segundo sexo* (1949/2009) da filósofa francesa e um dos principais nomes do feminismo Simone de Beauvoir e *Problemas de gênero* (2017) da filósofa estadunidense Judith Butler.

No texto freudiano *Sobre a sexualidade feminina* (2010), o autor destaca, acima de tudo, uma inveja do pênis a qual a mulher viveria para superar. Sua passagem pelo complexo de Édipo seria muito mais laboriosa do que a do homem, na medida em que ela, além de trocar o seu objeto (passagem da mãe para o pai), passaria também por uma troca de zona erógena (clitóris para vagina). Inicialmente, a mãe é o primeiro objeto para ambos os sexos; o caminho que a menina percorre para fazer a transição da mãe para o pai é complexo. Ela se reconhece como castrada, sente-se inferior, porém não aceita essa condição e coloca na mãe a culpa por não ter o pênis. O clitóris é visto como uma zona erógena masculina e a menina se envergonharia dele, sendo isso algo que impediria até mesmo o ato masturbatório. A masturbação ganha um sentimento ambivalente entre prazer e ódio. Como diz o autor em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (2011):

Esse fator [que “estraga” a atividade prazerosa] não precisa ser buscado longe; teria de ser a humilhação narcísica relacionada à inveja do pênis, a lembrança de que neste ponto não é possível ficar à altura dos garotos, sendo melhor deixar de lado a concorrência com eles. Dessa maneira, o reconhecimento da diferença sexual anatômica impele a menina a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, em direção a novas trilhas que levam ao desenvolvimento da feminilidade. (Freud, 2011, p. 265)

As mulheres, vistas como castradas, não passam a temer o complexo de castração, mas vivem com uma inveja do pênis, vivem com a falta. Enquanto o menino supera o Édipo através do medo e da ameaça de castração, a menina (já castrada) não vê motivos para temê-la e possuiria ainda mais dificuldade em superar o Édipo. Tendo isso em vista, a mulher seria muito mais suscetível a qualquer neurose, por, muitas vezes, não passar

pelo Édipo de maneira completa. Futuramente, pretende-se, diz Freud, que a mulher compensará essa falta com um filho e só assim ela superará o seu complexo de castração. Como bem coloca Irigaray, o grande problema da teoria freudiana a respeito da sexualidade feminina (e isso Beauvoir também já havia apontado) é o fato de Freud sustentá-la em uma matriz masculina da sexualidade, de modo que a mulher teria de sofrer processos diferentes e complicados para alcançar a sexualidade “normal”:

A sexualidade feminina sempre foi pensada a partir de parâmetros masculinos. Assim, a oposição de atividade clitoridiana/viril e passividade vaginal/“feminina” – da qual falava Freud e também muitos outros – como etapas, ou alternativas, do que seria tornar-se uma mulher sexualmente “normal” parece ser um tanto baseada na prática da sexualidade masculina... Seu destino (o da mulher) seria o da “falta”, da “atrofia” (do sexo) e da “inveja do pênis” em relação ao único sexo reconhecido como válido. Ela tentaria, portanto, apropriar-se dele, de todos os meios: pelo seu amor um pouco servil do pai-marido suscetível de dar a ela, pelo seu desejo de ter um filho-pênis, de preferência um menino, pelo acesso aos valores culturais de direito, ainda reservados somente aos machos e, por isso mesmo, sempre masculinos, etc. A mulher não viveria o seu desejo senão como uma espera de poder enfim possuir algo equivalente ao sexo masculino. (IRIGARAY, 2017, p. 33/34)

Beauvoir, em *O segundo sexo* afirma essa condição de que a feminilidade traz consigo um pensamento de inferioridade e passividade na mulher; porém, para ela, esse fenômeno só ocorre porque é reafirmado e admitido pela sociedade que a rodeia:

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa sorte do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si (...) Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e o seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. (BEAUVOIR, 2009, p. 375)

O processo com o qual a menina passa para construir a sua sexualidade é muito mais laborioso do que o do menino. Enquanto ele passa do amor pelo pai para a identificação com ele, a menina, ao se frustrar com a sua castração, separa-se de sua mãe e procede a uma identificação com o pai. Porém, como pontua Maria Rita Kehl, a menina precisa se separar de sua mãe (de sua referência feminina) com quem ela precisa se identificar para conseguir atravessar o Édipo. Nas palavras da autora:

Ser mulher, é, ao mesmo tempo, ser como a mãe e tentar ser uma outra, distinta dessa que no inconsciente será sempre absoluta, dominadora, mortífera. À pergunta “o que é ser uma mulher?” a menina precisa responder ainda outra: “Que mulher sou eu?” – em um movimento de separação da mãe para o qual

ela tem que contar com o falo simbólico, que espera que lhe venha do pai.  
(KEHL, 2016, p. 203)

Judith Butler, filósofa e a principal pensadora da teoria *queer*, em seu livro *Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade* (2017) explica que, para Freud, o Édipo na mulher pode ser tanto “positivo” quanto “negativo”. Positivo se ela se identificar com o mesmo sexo e negativo se se identificar com o sexo oposto. A perda do pai pode resultar na identificação com ele e consolida-se aí a masculinidade ou então logo se encontra um objeto capaz de substituir o objeto perdido (a mãe) e a heterossexualidade vencerá. Segundo Butler, qualificar a identificação com o pai como negativo é prova de que partimos de uma matriz heterossexual do desejo mesmo que tenhamos uma predisposição bissexual. A autora se questiona: em que medida essa bissexualidade é uma predisposição do ser humano? Como seria a feminilidade em sua origem? Como ela é antes de ser adquirida, logo após a menina repudiar a mãe como objeto de amor sexual e abandonar a fase em que assume uma masculinidade?! Para tentar esclarecer tais questões, Butler se apoia na teoria de melancolia encontrada em *Luto e melancolia* de Freud.

O melancólico tem em si, um objeto de amor perdido. Por ser perdido, esse objeto acarreta sentimentos ambivalentes, e alimenta um diálogo entre duas partes do psiquismo. De um lado, o objeto perdido possui uma voz crítica no interior do Eu, do outro, a raiva faz com que o objeto passe a recriminar o Eu. Como o melancólico recusa a perda do objeto, a internalização, faz com que ele mantenha o objeto vivo dentro de si. O luto se faz presente na melancolia, pois o Eu assume uma certa identificação com o objeto perdido, que é uma maneira de preservação do objeto. Butler explica como se dá essa relação:

No ato da internalização, a raiva e a culpa, inevitavelmente aumentadas pela própria perda, voltam-se para dentro e são preservadas; o eu troca de lugar com o objeto internalizado e, por meio dessa operação, investe essa externalidade internalizada de ação e força morais. Assim, o eu cede sua raiva e eficácia ao ideal do eu, o qual se volta contra o próprio eu que o mantém e preserva; em outras palavras, o eu constrói um modo de se voltar contra si mesmo. (BUTLER, 2017, p. 114)

Como instância psíquica, o ideal do Eu é responsável pela instauração do tabu, segundo Freud, capaz de consolidar as identidades de gênero através da reorientação e sublimação dos desejos. A relação com o genitor como objeto de amor é, além de

proibida, é impeditiva, o ideal do Eu tem o papel de: ao mesmo tempo proibir e reprimir qualquer desejo por esse genitor, mas ao mesmo tempo ele reserva um espaço interno para que esse amor seja preservado. A proibição do genitor do sexo oposto pode levar tanto à uma identificação com o sexo oposto como a recusa dessa identificação, levando a um desejo homossexual. A resolução do Édipo, como afirma Butler, afeta a identificação de gênero não só através do tabu contra o incesto, mas também do tabu contra a homossexualidade. A identificação consequente da melancolia, é um modo de preservação da relação com o objeto perdido, relações mal resolvidas, que levam à identificação de gênero com o mesmo sexo. Nas palavras da autora: “Aliás, quanto mais rigorosa e estável é a afinidade de gênero, menos resolvida é a perda original, de modo que as rígidas fronteiras de gênero agem inevitavelmente no sentido de ocultar a perda de um objeto amoroso original, o qual, não reconhecido, não pode se resolver.” (BUTLER, 2017, p. 116) Butler afirma, depois de toda essa análise sobre a teoria da melancolia de Freud que: se as predisposições femininas e masculinas são fruto de uma internalização de um objeto de amor perdido do mesmo sexo, uma atividade do Eu de tornar-se o objeto, então, a proibição internalizada é formadora de identidade. Tal identidade é construída através, não só da aplicação do tabu, mas também na produção de um desejo sexual. A autora defende que, o mais importante é aceitar que, antes do tabu contra o incesto, existe um tabu contra a homossexualidade que cria uma certa “predisposição” heterossexual. O menino e a menina, que estão sendo reprimidos da relação edipiana, anteriormente, sofreram repressão em realizar desejos sexuais distintos, a saber, homossexuais. Nas palavras da autora: “Consequentemente, as predisposições que Freud supõe serem os fatos primários ou constitutivos da vida sexual são efeitos de uma lei que, internalizada, produz e regula identidades de gênero distintas e a heterossexualidade.” (BUTLER, 2017, p. 117)

Segundo Freud, cada um de nós possui caracteres masculinos e femininos graças à nossa disposição bissexual, fazendo com que não exista feminilidade ou masculinidade puras. Freud se pergunta se a distinção ativo-passivo se sustentaria na medida em que um (a fêmea) é portadora do óvulo que recebe passivamente o sêmen daquele (macho) que possui o espermatozoide que age ativamente. No entanto, como o próprio autor adverte, há uma grande influência social que faz com que a mulher busque metas passivas, seja no ato sexual ou em qualquer outro âmbito de sua vida:

Poderíamos pensar na feminilidade como caracterizada psicologicamente pela preferência por metas passivas. Isso não é o mesmo que passividade, naturalmente. Pode ser necessária uma boa dose de atividade para alcançar uma meta passiva. Talvez ocorra que na mulher, derivando de seu papel na função sexual, uma preferência pela conduta passiva e metas passivas se estenda em maior ou menor grau na sua vida, conforme se restrinja ou se amplie esse caráter modelar da vida sexual. Mas nisso temos que atentar para não subestimar a influência da organização social, que igualmente empurra a mulher para situações passivas. (FREUD, 2010, p. 268)

Essa supressão à atividade e aparente escolha das mulheres por metas passivas, desenvolve nelas, diz Freud, um masoquismo que é em sua origem, feminino. Esse masoquismo, nas palavras do autor “tem êxito em ligar-se eroticamente a inclinações destrutivas voltadas para dentro.” (FREUD, 2010, p. 268) Porém, adverte Freud, se você encontrar traços masoquistas em homens, estes claramente possuem traços femininos em si.

Sabe-se que a opressão da mulher é um fato histórico; alijada da esfera intelectual da sociedade, ela é considerada como polo de passividade diante de muitas situações. Beauvoir, no início do segundo volume de *O segundo sexo*, afirma:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 2009, p. 361)

São claras as afirmativas que vão contra as teorias de Freud nesse pequeno trecho. Nem a anatomia e nem o psiquismo descrevem a mulher como mulher. Ela é considerada castrada dentro de uma sociedade que qualifica o corpo do homem como “normal”. Desde o complexo de Édipo, Freud manteve sua teoria psicanalítica tendo como base o sexo masculino, afirmando que a mulher, ao se reconhecer “não portadora” de um pênis, sente-se inferior, luta contra o seu destino maldito em não possuir um bem tão valioso. Porém, a autora afirma que o privilégio do homem não é anatômico, e sim social. O pênis significa no seio de uma sociedade, muito mais do que um órgão sexual; ele representa privilégios sociais, econômicos e uma supremacia que a mulher não vivencia. A menina, afirma Beauvoir, não sente a “falta” em seu corpo; ela se vê diferente, mas só se reconhece como inferior na medida em que é colocada de frente com o Outro:

(...) a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVOIR, 2009, p. 375)

Ainda sobre o privilégio do homem, a autora afirma que ele não se vê obrigado hora alguma a reivindicar o seu destino, e ninguém pede isso a ele, enquanto a mulher é obrigada a aceitar e a submeter-se a renúncias e submissões para que reafirme sua feminilidade:

O privilégio que o homem tem, e que se faz sentir desde sua infância. Está em que sua vocação de ser humano não contraria o seu destino de macho. Da assimilação do falo e da transcendência, resulta que seus êxitos sociais ou espirituais lhe dão um prestígio viril. Ele não se divide. Ao passo que à mulher, para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano. (BEAUVOIR, 2009, p. 882)

Ao tentar entender como as identificações masculinas e femininas se dão a partir da psicanálise freudiana, Butler indica que, enquanto Freud afirma que o Eu se constitui na medida em que o bebê é obrigado a abandonar o desejo pelos seus progenitores em razão do tabu ao incesto, esse tabu é precedido de um tabu contra a homossexualidade. Segundo Butler, isso mostra que o desejo primitivo da criança é o desejo pelo seu progenitor de mesmo sexo, a identidade sexual, seria, segundo Butler, uma reposta a proibição de desejo por esse progenitor.

Para Butler, o conceito de gênero em Beauvoir é algo construído com algumas implicações a priori e uma dessas implicações é justamente a imposição cultural, porém a autora se questiona: seria apenas o gênero uma construção cultural? E o sexo? O sexo, segundo a autora, é tão culturalmente construído quanto o gênero, “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula.” (BUTLER, 2017, p. 27) O gênero não decorre do sexo, ele é múltiplo, vai muito além do binarismo “homem e mulher” “masculino e feminino”. A própria afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce mulher, mas se torna uma, na visão de Butler é conflituosa, porque como alguém pode se tornar membro de um gênero? Para Beauvoir, o gênero é fruto de uma construção, porém há um cogito que assume esse gênero. Nada garante que o sujeito que se “torna mulher” seja uma fêmea. O corpo em si, é uma construção e sempre o foi, pois ele ganha significação em um gênero. Analisando a famosa frase de Beauvoir, Butler reflete:

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim torna-se mulher decorre que mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas



formas mais reificadas, a própria “cristalização” é uma prática insistente e insidiosa sustenta e regulada por vários meios sociais. (BUTLER, 2017, p. 69)

Para Beauvoir, segundo Butler, tornar-se mulher em definitivo é impossível, essa cristalização seria algo que definiria a condição de mulher em um determinado corpo, porém, ela é atualizada a todo momento, é uma prática que se atualiza e é coordenada pelos meios sociais. Ao mesmo tempo, Butler admite que o que Beauvoir quis fazer foi mostrar que ser mulher é adquirir um conjunto de significados dentro de um espaço cultural, entretanto, a principal questão colocada por Butler é, não podemos falar de ser humano sem uma qualificação de gênero, mas ao mesmo tempo, esse gênero não é algo que o determina: “Se o gênero está sempre presente, delimitando previamente o que se qualifica como humano, como podemos falar de um ser humano que se torna seu gênero, como se o gênero fosse um pós-escrito ou uma consideração cultural posterior?” (BUTLER, 2017, p. 194)

Se, para a autora, o gênero nunca é, mas sempre está, constatando assim um eterno devir, é conflitante a conversa com Beauvoir, na medida em que ela afirma que a categoria “Mulher” é algo a se alcançar, é algo possível de se tornar, algo, aparentemente estático em certo ponto, é a chamada teoria voluntarista de gênero. E é por, justamente, levar em conta o gênero, como uma ação voluntária (como se partisse do sujeito se identificar com determinado gênero), que Beauvoir cai em contradição com sua própria crítica feita a Freud, quando este diz que “a anatomia é o destino”. Segundo Butler (2017): “o gênero não é um substantivo, mas demonstra ser performativo, quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser. Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se poderia dizer que preexiste ao feito” (BUTLER, 2017, p. 25)

Segundo a autora, em um texto chamado *Regulações de gênero* (2014), gênero é um conjunto de normas do masculino e do feminino, se expressam e se manifestam através de formas hormonais, físicas, cromossômicas e performativas. Logo, é arbitrário dizer que alguém pode escolher que gênero se tornar, como irá agir ou como sua performance irá expressar o seu gênero. Gênero é construção social, mas ser mulher não é necessariamente a construção cultural do corpo feminino.

Butler faz uma crítica sobre o sujeito do feminismo. Afinal, o que é ser mulher? O que o feminismo entende como o seu sujeito? Como a mulher é modelada? Até mesmo a forma como o corpo é constituído para ser chamado de corpo feminino é limitada,



excludente e serve a interesses estratégicos. O feminismo deve ser repensado, na medida em que possui normas de exigência sobre o que ser “mulher”, o sujeito do feminismo:

É tempo de empreender uma crítica radical, que busque libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade ou anti-identidade que o feminismo invariavelmente exclui. Será que as práticas excludentes que baseiam a teoria feminista numa noção das “mulheres” como sujeito solapam, paradoxalmente, os objetivos feministas de ampliar suas reivindicações de “representação”? (BUTLER, 2017, p. 24)

A autora ainda problematiza o fato da passividade do corpo, de acordo com a qual ele seria, então, um meio a ser preenchido através de influências de fontes culturais. Ela denuncia que em Beauvoir, muitas vezes, o corpo é visto como uma “facticidade muda” e que só apreende o seu significado através de uma “consciência transcendental”. Nas palavras de Sara Salih em *Judith Butler e a teoria queer*, para Butler:

... sexo e gênero são efeitos – e não causas – de instituições, discursos e práticas; em outras palavras, nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero. (SALIH, 2012, p. 21)

Se, para Freud, a anatomia é o destino, e, para Beauvoir, nada é capaz de definir a mulher, em Judith Butler, encontramos a proposição, destaca María Luisa Femenías em *A crítica de Judith Butler a Simone de Beauvoir* (2012), de que a anatomia já não é o destino, de que ela não é capaz de definir o gênero, não lhe impondo limite algum.

Lendo as teorias freudianas da sexualidade feminina e a luta da mulher para conquistar sua feminilidade, vendo que o homem supera sua castração, supera o Édipo e consegue uma vida “normal”, pode-se afirmar que a mulher, condenada a viver com uma inveja que não sucumbe totalmente, viveria a suprimi-la, com bonecas, filhos e um rancor inconsciente dos homens que as rodeiam, Segundo Joel Birman em *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*, a masculinidade seria sempre originária na obra de Freud, enquanto a feminilidade seria o troféu para quem vencesse a masculinidade originária. Parafraseando a famosa frase de Simone de Beauvoir, o autor afirma: “Nesses termos, não se nasceria jamais mulher, mas essa condição seria sempre uma construção segunda, advinda de uma transformação da masculinidade primordial. Tornar-se mulher, portanto, seria este o percurso a ser realizado pela menina.” (BIRMAN, 2001, p. 213)

A psicanálise supõe que a menina, antes de entrar no Édipo, encontra-se numa ligação muito forte com sua mãe. Porém, para que tudo corra no curso considerado por

Freud como normal, ela precisa passar do objeto mãe para o objeto pai juntamente com a troca da zona erógena. Mas como essa troca ocorre, tendo em vista que o amor que une filha e mãe é tão desmedido? Segundo Freud, o afastamento não ocorre instantaneamente. Primeiramente, a menina, ao se entender como castrada, experiência uma repulsa em relação si mesma, depois esse ódio se estende para todos os seres femininos e por fim, à mãe. A intensa ligação com a mãe é transformada em ódio; ao se perceber como castrada a menina coloca a culpa inteiramente na mãe (que não fora capaz de lhe dar um pênis, seja por amamentação de menos, por falta de amor e demais queixas observadas por Freud em suas escutas), junto a esse ódio vem o ciúme do irmão, pois a partilha da mãe é inaceitável. O amor que a menina sentia pela mãe devia-se ao fato de considerar que a mãe possuía aquilo que nela lhe faltava (o falo). Ao perceber a mãe como também castrada, ela não a tem mais como objeto amoroso. Essa raiva se estende quando a mãe proíbe a filha de se ocupar de suas partes genitais e de sua produção do prazer, restrição que não é vista com tanta intensidade no menino. A mãe, então, é ao mesmo tempo: o objeto de prazer da menina e a pessoa que impede a realização desse prazer através do ato masturbatório. O momento de virada na vida sexual da menina é quando ela descobre a própria castração. O complexo de castração na mulher, segundo o autor, pode engendrar três efeitos distintos:

- 1 – A mulher admite sua castração, logo sua inferioridade, mas, ao mesmo tempo, se revolta com este fato. Isso pode acarretar inibição da sexualidade, insatisfação com o clitóris – por ser comparada ao menino –, renúncia à atividade dele e, por esse caminho, à sua masculinidade (dado que o clitóris equivaleria ao órgão sexual masculino);
- 2 – Ela pode se ligar fortemente à ideia de que o pênis que lhe foi tirado irá voltar, trazendo sua personalidade para o masculino, podendo resultar numa escolha homossexual de objeto;
- 3 – A mulher finalmente segue o curso “normal” de sua sexualidade e toma o pai como escolha objetal, abrindo caminho para a sua feminilidade.

O desejo que a menina tem pelo pai corresponderia, justamente, de acordo com Freud, a uma tentativa de suprir a própria falta e a falta do pênis na mãe. Ao saber que o pai é portador do pênis, a menina entra no complexo de Édipo. Ela passa a hostilizar a mãe e a toma como rival no lugar de portadora do desejo do pai. Aqui, pode-se observar

a diferença entre o complexo edipiano no menino e na menina. Se, no homem, ele é superado pelo complexo de castração, na mulher é o complexo de castração que prepara a menina para entrar no complexo de Édipo.

A feminilidade segundo Freud (2010), possui um alto grau de narcisismo que afeta diretamente a escolha objetual. Se a menina permaneceu no complexo de Édipo e possuiu uma forte ligação com o pai, seu futuro marido terá heranças características mais próximas do pai. Porém, se a fase pré-edípica não tiver sido completamente superada, e a ambivalência em relação à mãe não tiver sido resolvida, a menina irá carregar uma enorme rebeldia contra o marido. O mesmo vale para o nascimento do primeiro filho: a mãe pode, com este acontecimento, esperar do filho tudo aquilo que ela não cumpriu, tudo aquilo que restou dos seus traços de masculinidade. Em contrapartida a essa afirmação, Beauvoir diz que, muitas vezes, pretendeu-se sustentar que o narcisismo era próprio da mulher; porém, as circunstâncias em que ela vive a convidam para um retorno na direção de si mesma. Segundo a autora, dois caminhos levam a mulher ao narcisismo: a frustração e a insatisfação com a falta de um pênis (o alter ego masculino) e com sua própria sexualidade:

Todo amor reclama a dualidade de um sujeito e de um objeto. A mulher é levada ao narcisismo por dois caminhos convergentes. Como sujeito, ela se sente frustrada; quando menina viu-se privada desse alter ego que o pênis é para o menino; mais tarde sua sexualidade agressiva permaneceu insatisfeita. E o que é muito mais importante, as atividades viris lhe são proibidas. (BEAUVOIR, 2009, p. 817)

Nesse momento, parece-me que a autora admite uma certa incidência da inveja do pênis, anatomicamente falando. Através dessa frustração por não ter o pênis e de ser privada de seus privilégios quando menina, mais tarde sua agressividade permaneceria insatisfeita (o que acarretaria nas atividades masoquistas, segundo Freud) e a proibição das “atividades viris” levam a mulher a uma passividade que lhe é empurrada e não própria de sua natureza. Nas palavras de Beauvoir, todo esse caminho até uma passividade indesejada acontece desde a infância da mulher, que desde então, ela é vista como objeto:

Se assim pode propor-se a seus próprios desejos, é porque desde a infância viu-se como um objeto. Sua educação encorajou-a a alienar-se em todo seu corpo, a puberdade revelou-lhe esse corpo como passível e desejável; é uma coisa que ela pode tocar com as mãos, que mexe com o cetim e o veludo e que ela pode contemplar com um olhar amante. No prazer solitário, a mulher pode desdobrar-se em um sujeito macho e um objeto fêmeo; (BEAUVOIR, 2009, p. 818)

Diante da constatação de sua castração, vimos que, para Freud, a menina passa por três percursos: a inibição sexual, a virilização e a maternidade. Isso caracteriza um momento de horror na vida da criança, na medida em que ela abre mão da experiência erógena por medo e/ou vergonha; através da virilização ela recusa o reconhecimento de sua castração e age como se nada tivesse acontecido e o passo final para sua aceitação seria a maternidade em que a mulher aceitaria sua castração e preencheria sua falta com a criança. Segundo Joel Birman, o melhor destino para a mulher seria, no diagnóstico de Freud, a maternidade, pois só assim, ela estaria “livre” de futuras neuroses causadas pela falta e pela recusa de sua castração. Nas palavras de Birman:

(...) diante da experiência do horror provocada pela constatação da castração e da ausência do falo em seu corpo, a assunção da maternidade seria (para Freud) o caminho por excelência para a instauração do falo, representado pela figura da criança. Enfim, a solução para o conflito feminino e o impasse de castração seriam sempre, no discurso freudiano, a restauração da plenitude fálica, por intermédio de algum objeto (BIRMAN, 2001, p. 206)

A mulher poderia, de acordo com Freud, estagnar-se no complexo pré-edípico por não aceitar sua condição de castrada e assumir uma masculinidade como forma de rebeldia, mesmo trazendo em si vergonha da sua falta e das suas atividades clitoridianas. A fase pré-edípica seria fundamental para ditar a vida sexual da mulher. Segundo Freud, a inveja do pênis irá se refletir em diversos aspectos da vida social da mulher, como sua aparentemente pobre participação em reivindicações de justiça, interesses sociais mas ao mesmo tempo, uma mulher possuiria maior imutabilidade psíquica, o que seria resultado do seu enorme gasto psíquico para sobreviver à fase pré-edípica e vencer o complexo de Édipo.

### Conclusão

Em *Análise finita e infinita* (2017), Freud afirma que o repúdio à feminilidade ocorre em ambos lados: enquanto o homem tenta escapar das tendências passivas, a mulher sente um enorme desejo de ter um pênis. Ao retomar as teorias psicanalíticas a respeito da sexualidade feminina, Irigaray fala sobre o “continente negro” da Psicanálise, expressão que Freud usou para se referir à sexualidade feminina, que até o fim da vida do autor, não fora bem compreendida por ele. Segundo a autora, mesmo com toda essa

investigação e pesquisa a respeito da sexualidade feminina, Freud negligenciou uma análise socioeconômica e cultural da mulher que é capaz de influenciar e regulamentar sua evolução sexual e ainda, tirar de si, a lente do modelo masculino de sexualidade para analisar as particularidades da sexualidade da mulher. Nas palavras de Irigaray:

Freud permanecerá sempre desfavorável às tentativas de Karen Horney. Melanie Klein, Ernest Jones de elaborar hipóteses sobre a sexualidade feminina um pouco menos dominadas pela “inveja do pênis”. Não há dúvida de que ele enxergava aí, além da situação desagradável de se ver criticado pelos seus alunos, o risco de que fosse posto em xeque o complexo feminino de castração, tal como ele havia definido. (IRIGARAY, 2017, p. 60)

Mas enfim, o que é ser mulher segundo Freud? Apesar de o autor afirmar que esse enigma está longe de ser desvendado e que muito há para se descobrir no terreno da feminilidade, arrisco dizer que se tornar mulher no interior de sua teoria, é uma luta. Uma luta constante para conquistar e reafirmar sua feminilidade, suprir sua falta de um falo, como troféu tornar-se mãe e ter a certeza de que sua castração foi aceita e a falta foi, de algum modo, suprida.

Segundo Beauvoir (2009), nenhum destino define a mulher no seio de sua sociedade. Para Freud, entretanto, a feminilidade é um destino, se não o destino da mulher: é a origem, o que vai contra a ideia de que não se nasce mulher da filósofa, tendo em vista que para ela, a feminilidade seria um caminho de construção e não uma origem, a mulher não nasce mulher, ela torna-se mulher. Se buscamos a feminilidade ou vamos ao encontro dela, o caminho para isso é tortuoso, Freud afirma que todos carregamos um repúdio à feminilidade, pois o homem luta contra a sua passividade e a mulher com sua inveja peniana, luta para conseguir um falo perdido. Butler afirma que a teoria de Freud é baseada em uma matriz heterossexual do desejo, onde qualquer outro tipo de combinação não binária do sexo seja considerada anatural, ao mesmo tempo que critica a proposição de Beauvoir segundo a qual uma mulher se torna mulher, uma vez que ela sugere um caráter voluntário da construção de gênero e faz com que o corpo padeça de uma passividade considerada problemática.

A discussão sobre a constituição da mulher vai muito além do que pude expressar neste texto. Muitos autores e teorias tentam dar conta do assunto, que é obviamente atual tendo em vista as lutas de causas feministas e a constante necessidade de uma luta por igualdade de gênero. A teoria de Freud é problemática, porém não podemos esquecer da

grande contribuição do autor nos estudos sobre a sexualidade e por ajudar a dar voz à sexualidade feminina, quando a mulher era vista apenas como uma matriz reprodutora. Ao afirmar que os sintomas histéricos eram plenos de sentido e significação, Freud fez de objeto de estudo, algo tão negligenciado e tão marginalizado, como era a histeria. Ao se perguntar sobre o desejo da histérica, ele deu voz a muitas mulheres que sofriam por males que eram ignorados e que poderiam ser curados com as palavras, encontrando sentido em seus traumas passados.

O sexismo e a misoginia são problemas antigos porém, são temas cada vez mais atuais; Como busca de melhorias e reflexões no seio de uma sociedade que pensa que, nas palavras de Butler: “para os corpos serem coerentes e fazerem sentido, é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade”. (Butler, 2017, p. 216) Freud abre seu caminho na Psicanálise, interrogando-se sobre o desejo da histérica e termina se questionando sobre o que de fato seria a feminilidade plena, mas parece fazer da sexualidade feminina uma mera variação, um desvio da sexualidade masculina, mostrando que o que ele chama de “continente negro” da Psicanálise, continuaria com suas obscuridades, no final de sua conferência sobre a feminilidade, o autor faz a seguinte declaração:

Isso é tudo o que tinha a lhes dizer sobre a feminilidade. Certamente é incompleto e fragmentário, e nem sempre parece amigável. Mas não esqueçam que retratamos a mulher apenas na medida em que o seu ser é determinado por sua função sexual. Tal influência vai muito longe, é verdade, mas não perdemos de vista que uma mulher também há de ser um indivíduo humano em outros aspectos. Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informação mais profunda e coerente. (FREUD, 2010, p. 293)

Butler denuncia que Simone de Beauvoir, ao escrever sua obra chave sobre o feminismo e a situação da mulher entendida como o Outro, ainda está presa no binarismo de gênero e acaba não dando lugar a outras formas de existir que não se restrinjam às categorias “homem” e “mulher”. Dessa forma, Beauvoir apreende o sexo como estável, ao “tornar-se” mulher, esta estaria, para o resto de sua vida, definida e categorizada.

Se, para Freud, a feminilidade é o final do caminho da mulher em busca de sua identificação tanto como sujeito, quanto sexualmente, vimos que para as duas autoras trabalhadas nesse texto, não há um caminho! Nas palavras de Butler (2017):

O sexo não causa o gênero; e o gênero não pode ser entendido como expressão ou reflexo do sexo; aliás, para Beauvoir, o sexo é imutavelmente um fato, mas o gênero é adquirido, e ao passo que o sexo não pode ser mudado – ou assim pensava ela –, o gênero é construção cultural variável do sexo, uma miríade de possibilidades abertas de significados culturais ocasionados pelo corpo sexuado. (BUTLER, 2017, p. 194)

Para Beauvoir, a feminilidade seria um eterno devir, o “tornar-se mulher” seria algo em constante construção. Ao passo que, para Butler, é problemática a afirmativa de que você possa se tornar membro de algum gênero, logo, tornar-se mulher não é algo estrito do corpo feminino. Acredito que, ao fazer a análise dos três autores, a feminilidade não seria um caminho, mas faria parte do caminho da mulher. Mas e as mulheres que não possuem em si, a feminilidade? Penso ser pertinente considerar a afirmação de Butler que, o gênero é uma cultura variável do sexo, logo, o gênero feminino não seria algo preso no corpo da mulher, o “tornar-se” mulher de que Beauvoir falava, não seria algo de direito apenas das mulheres. Por esse motivo, Butler é considerada uma autora fundamental para entendermos as relações de gênero que se passam em nossa sociedade atual. O gênero seria independente da dualidade sexual.

### Referências Bibliográficas

Birman, J. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001;

Butler, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017;

Beauvoir, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009;

Femenías, M.L. A crítica de Judith Butler a Simone de Beauvoir. *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v.3 - n.6. p.310-339 – 2º sem. 2012 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/4619>

Freud, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: Freud, S. *O eu e o id. “Autobiografia” e outros textos* (Souza, P. C. de, Trad., 1ª. ed., Vol 16). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obra original publicada em 1923-1925);

Freud, S. A feminilidade. In *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010;



Freud, S. Sobre a sexualidade feminina. In *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010;

Freud, S. *Análise finita e infinita*. In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Autêntica Editora, 2017;

Irigaray, L. *Este sexo que não é só um sexo*. São Paulo: Editora Senac, 2017;

Kehl, M. R. *Deslocamentos do feminino*. São Paulo: Boitempo, 2016;

Salih, S. *Judith Butler e a teoria queer*. São Paulo: Autêntica, 2016.

---

**Recebido em: 28/05/2020 | Aprovado em: 14/08/2020**

